



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”

Thalita Santos Reis Luduvico¹

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) – Campus Sosígenes Costa, Email: preta_1007@hotmail.com

Resumo

O presente texto tem como objetivo pontuar a importância do feminismo negro na luta contra hegemônica para fortalecer e encorajar as vivências das mulheres negras e acadêmicas. Me aproximarei de textos das autoras Lélia Gonzalez, bell hooks, Djamila Ribeiro, Ângela Davis, para pensar, o lugar imposto pela sociedade para a mulher negra como resquícios da escravidão. Como a sociedade e a família enxergam seu acesso, trânsito nos espaços acadêmicos. A nossa sociedade está pautada em dois pilares: branco e patriarcal sendo que a mulher branca está dentro sendo “branca” assim como o homem negro também por ser “homem” a mulher negra então, está de fora desse marcador dominante, nós somos “O OUTRO”. O outro que por vezes, tem sua luta, seu legado, seu corpo, seu cabelo a todo momento negado, silenciado, violentado. Buscaremos entender como esse feminismo negro interseccional uma vida intelectual pode salvar uma mulher negra, e como esse caminhar incomoda a sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Feminismo negro. Intelectualidade.

“O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos primeiros dias da escravidão. Como escravo o trabalho compulsório obscurecia todos os outros aspectos da existência das mulheres. Parece, pois, que o ponto de partida para uma investigação da vida das negras sob a escravidão seria uma avaliação sobre seus papéis como trabalhadoras. (Ângela Davis, Mulher, Raça e classe)

¹ Aluna mestranda da UFSB universidade Federal do Sul Da Bahia, Porto Seguro Orientadora Prof^ª doutora Maria Aparecida Oliveira Lopes contato:preta_1007@hotmail.com



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Não fomos vencidas pela anulação social, sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial o sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada.

Mulheres Negras Yzalı

Somos vítimas da nossa história e do nosso presente. Eles colocam demasiado obstáculo no caminho do amor. E não podemos sequer gozar nossas diferenças em paz. (Ama Ata Aidoo, Our sister Killjoy)

Introdução

O legado da escravidão na vida dos/as negros/as principalmente das mulheres negras trouxe/traz inúmeras e dolorosas consequências. Quando digo: MULHER NEGRA me surge vários temas que gostaria de pontuar nesse texto, porém talvez não consiga contempla-los plenamente em todos os aspectos. Negação de direitos, rejeição, silenciamento, morte, solidão, objetificação, sexualização, violência e tantos outros aspectos que nos acompanham desde a infância a vida adulta, me faz entender e adotar o feminismo negro como forma de luta, militância e resistência pois, entendo que como mulher negra que transita nos espaços de reflexão (acadêmico) tenho o dever de pensar e lutar contra o feminismo hegemônico que insiste em impor igualdade, e ao mesmo tempo de todas as maneiras “esfrega” em minha cara que não sou igual.

Como posso acreditar em igualdade se somos as que mais morremos, se somos as mais abusadas, estuprada. Como acreditar em igualdade se vejo poucas mulheres de minha cor em cargos de chefia, ou como médicas, ou frequentando as universidades, igualdade como? Se todos os dias quando me olho no espelho ajeito o meu crespo, passo um batom vermelho e penso duas vezes se é assim mesmo que vou sair na rua por medo ou vergonha de ser envergonhada ou insultada, igualdade como se tenho vergonha do abrir a boca com medo de ser inapropriada. Nós mulheres negras vivemos em constante situação de perigo,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

instabilidade, silenciamento sobre isso
Lélia Gonzalez² nos lembra que:

É importante insistir que no quadro das profundas desigualdades, existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. [...]justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades e discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo. (GONZALEZ,2011, p.16-7)

A autora nos faz pensar sobre a abolição e como ela nunca alcançou as mulheres pretas, a lógica de discriminação, preconceito estigma dos dias da escravidão ainda estão marcando nos corpos dessas mulheres sobre o tal ela vai dizer que a lei apenas revogou as posições contrárias e nada mais que isso: “ Para nós mulheres e homens negros a luta começou muito antes desse ato de formalidade e se estende até hoje. (Lélia Gonzalez 2011, p. 12)

Essa ilusão de liberdade ou de igualdade pode ser percebida facilmente quando paramos para pensar por exemplo o modo como as políticas públicas são aplicadas de maneiras diferentes entre homens/mulheres

²Lélia Gonzalez, Antropóloga, política, professora, militante dos movimentos, negro e feminista tencionou estes dois movimentos quando expõe o racismo no movimento feminista e o machismo no movimento negro. Foi uma das fundadoras do

e mulheres negras/brancas por exemplo dados do IPEA (2017) que houve um aumento na violência contra mulher negra de 22% entre 2005 e 2015 enquanto de mulheres brancas houve uma redução de 7,4% nesse mesmo período o que isso quer dizer? As políticas públicas passam pelos marcadores de raça e classe e são efetivadas com prioridade quando se trata de mulheres não negras.

O esforço de estudar, ser uma acadêmica me deu rótulos que carrego desde a infância, todas as vezes que era aprovada no final do ano na escola sempre ouvia (era uma forma de elogio) “ Nossa! Ela nunca perdeu de ano, essa nega é metida viu! ” Ouço hoje que sou irresponsável e egoísta por querer estudar, e deixar minha casa e filha aos cuidados de outros, que quero saber mais que todo mundo, que estou chata. Que sou uma “NEGA METIDA” a cada Enem que era aprovada, cada graduação que concluía sempre ouvia isso de pessoas muito próximas. Nega metida, nunca escutei nenhuma mulher branca que estuda, tem um bom emprego ser chamada de branca metida, mas já entendo que ao ser chamada assim é porque estou em um lugar que não

movimento negro unificado (MNU), do Nzinga coletivo de mulheres negras entre outros.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

foi feito para mim, estou ocupando um espaço outra nunca ocupado por uma mulher negra, então entendo que está no imaginário da sociedade que se ali estou logo sou muito metida.

Este texto busca conceituar através dos textos da bell hook ³o legado da escravidão na vida das negras acadêmicas, suas formas de existir e resistir na academia, bem como sua luta e enfrentamento. Seus textos me atravessaram de tal forma cheguei a pensar que eu mesmo poderia ter escrito (que ousadia). Feminista negra, professora, escritora ativista, usa seu auto escrita para nos aproximar e nos fazer entender o papel do feminismo na vida da população negra pois se aproxima do feminismo interseccional, e contra hegemônico para gritar as dores, orgulhos e feridas que as mulheres negras vêm sofrendo ao longo dos anos. Ângela Davis⁴ com seu trabalho “MULHER RAÇA E CLASSE” que me ajudou a entender o processo histórico da escravidão a abolição bem como a luta feminista negra.

³ Escritora afro americana, teórica feminista e crítica cultural, *bell hooks* (o nome é grafado em letras minúsculas porque bell acredita que a sua escrita é maior do que ela mesma).

⁴ Angela Yvonne Davis é uma professora e filósofa socialista estado-unidense que alcançou notoriedade

O livro “QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO” da socióloga, filósofa, feminista negra Djamila Ribeiro que através de vários textos ajuda-nos a pensar o feminismo como projeto democrático e não meramente luta identitária.

Assim tentaremos entender o “aproximamento” que a figura negra, o corpo negro tem na intelectualidade bem como se dão os olhares externos para esse corpo, seja da família, amigos, pessoas próximas e o porquê uma mulher negra que estuda que tem uma boa profissão tem títulos acadêmicos é constantemente vista como uma “nega metida” “quem ela pensa que é?”.

Negras e Intelectuais, como assim? Mulheres negras e sua inteligência questionada legado da escravidão pensando bell hooks, Ângela Davis.

No texto “vivendo de amor” da autora, feminista, teórica, ativista e artista estadunidense bell Hooks, ela traça de forma cronológica os resquícios que a condição de escravidão e seu legado na

mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

subjetividade da cabeça das pessoas formaram sobre o negro principalmente a mulher negra. Ângela Davis em mulher raça e classe “toda esta atividade intelectual a situação especial das mulheres escravas continuaram impenetradas. Eram incessantes os argumentos sobre a sua “promiscuidade sexual” ou a sua propensão “matriarcal” obscura, muito mais que eles iluminaram sobre a condição da mulher durante a escravatura” a autora explica que inúmeros estudos foram feitos porem com relação a condição da mulher escravizada deixavam muito a desejar pois a viam sempre atreladas a promiscuidade, ao matriarcado selvagem e corpos que precisavam ser domados.

O sistema definia os escravos como bens moveis e apesar dos abusos sexuais a mulher negra não era vista diferente do homem escravo elas trabalhavam o tempo inteiro em qualquer tarefa sem separação, uma mulher negra mãe dona de casa que cuidava de seu marido era vista como uma anomalia. A papel da tia Anastácia por exemplo personagem de monteiro lobato, era vista como uma serva mãezona pronta para servir a todos, sua figura apesar de desempenhar um papel doméstico não era a dona da casa era uma escrava somente e como o próprio lobato citou uma “negra de estimação”. É importante pensar que além de desenvolverem o papel de

força de trabalho a mulher escravizada sofrida de formas múltiplas como a autora relata que:

“As mulheres também sofreram de maneiras diferentes, porque eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres.”(Davis, p.11)

As violências sobre os corpos da mulher negra eram inúmeras além de não haver distinção da força de trabalho braçal dos abusos sexuais no século XIX elas passaram a ser exploradas para reprodução e crescimento das mãos de obra escrava com o fim das rotas de tráfico de escravos. A autora ressalta que mesmo sendo mães elas não eram tratadas como tal não passaram a ser vistas com mais respeito passaram a serem mais exploradas sexualmente, “No entanto, isso não significava que como mães, as mulheres negras tivessem um estatuto mais respeitável do que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

da maternidade – popular durante o século XIX – não se estendia às escravas” (Davis, p.12) ou seja eram apenas garantia da manutenção de força de trabalho “fazedoras de nascimento/breeders animais cujo valor era calculado pela fertilidade e habilidade de multiplicar seus números. E mesmo estando grávida ou ter parido recentemente eram obrigadas a trabalhar muitas delas apanhavam mesmo estando de barriga eram obrigadas a deixarem seus filhos no chão das plantações. Com a revolução industrial a mão de obra escrava passa a ser usada também nas fábricas e também sem distinção, nas minas, lenhadoras, garimpeiras, na construção das linhas de ferro, e até mesmo para substituir as bestas e puxar carroça como lembra Karl Max em O capital:

“Em Inglaterra as mulheres ainda são ocasionalmente usadas em vez de cavalos para arrastar os barcos nos canais, porque o trabalho requer a produção de cavalos e máquinas numa exata e conhecida quantidade, enquanto o requisito de manter as mulheres do excedente populacional é abaixo de todos os cálculos”.

Nesse mesmo tempo a ideologia do feminismo hegemônico era disseminada nas novelas, livros para mulheres brancas eram sinônimos de mãe donas de casa frágeis, mas isso não se aplicava as

mulheres negras. Esse processo de masculinização, de comparação com animais que a mulher negra escravizada sofreu contribuiu para estigmas até hoje marcados sobre o corpo negro e razões para entender as inúmeras violências colocadas sobre corpos pretos. As mulheres negras eram chamadas de insubordinadas o sociólogo Franklin Frazier no seu livro A Família Negra relata o impacto da escravidão na constituição dessas famílias, e que nem as relações econômicas nem as tradições a ensinaram a mulher se subordinar a “autoridade masculina” quem assim pensa talvez o pense por saber dos inúmeros atos de resistências que essas mulheres faziam, quem ousa achar que aceitavam violência passivamente se engana Davis relata que:

Elas envenenaram os seus donos, cometeram outros atos de sabotagem e, como os seus homens, juntaram-se a comunidades de escravos fugitivos e frequentemente fugiam para norte para a liberdade. Dos numerosos casos de violenta repressão que os capatazes infligiram sobre as mulheres, deve ser deduzido que aquela que passivamente aceitou o seu destino como escrava foi mais uma exceção do que a regra. (Davis, p. 22)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Mulher insubordinada sim, resistência resiliência, focada disciplinada, inteligente astuta e sagaz, aspectos que assustaram e/ou assustam a sociedade, Herbert Apthker, “a mulher negra tão frequentemente impulsionou com prontidão a conspiração de escravos” Hooks trata de como e porque é um tabu falar de amor e solidão, de como a sociedade ver a mulher negra como quem não precisa de um amor, “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” (Hooks, p.1).

Tudo isso se dá dentro de famílias negras como um legado que passa de família para família, de mulher para mulher desde o regime escravocrata, onde os negros eram

proibidos de expressar qualquer sentimento, mesmo diante de perdas aos olhos dos mais perversos irreparáveis, como perda de filhos que eram vendidos, ou até mesmo assisti-los sendo açoitados e até mortos assim como seus companheiros mães pais, estupros dentre tantas barbaridades. “Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração", e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e consequentemente, de amar.

Somos um povo ferido.” (Hooks, p.1). A autora chega a estabelecer uma conexão dessa herança violenta com a violência doméstica que presenciamos dentro dos lares principalmente conta as mulheres negras quando diz que:

“Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação.”(Hooks, p. 2)

Reprimir sentimentos, era uma arma para sobreviver, não chorar, não se sensibilizar era um meio para que apesar de toda a violência conseguissem resistir, criar barreiras emocionais essa era a chave que dura até hoje na vida de negros e negras mesmo depois da escravatura. Famílias negras aprenderam a demonstrar amor de outra forma que não emocionalmente, com o trabalho duro a manutenção da família, comida, escola, nada que passasse para o afeto vivendo em um contexto de genocídio da população negra, pobreza, esses eram os aspectos importantes, suficiente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

demonstração de amor, beijos e abraços são bobagens.

Falar de mulher negra é falar da forma interseccional e ter um discurso contra hegemônico pois são tantos os aspectos que nos afetam que um único feminismo não contemplaria, não é egoísmo, é militância, é amor, tanto nos faltou o amor durante toda nossa vida que não podemos ser chamadas de egoístas ou separatistas ou exigir e lutar por um feminismo que nos alcance. Como escreveu bell Hooks (p.5;6):

“O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se

preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.”

Crescemos ouvindo que somos fortes, auto-suficientes, nos viramos sozinhas (vemos nossas mães, avós cuidarem de nossa famílias sozinhas), podemos ficar só, isso é cruel porque essa é a mesma sociedade que também nos reduz a objetos sexuais (se temos traços e corpos dentro dos padrões impostos) se estamos fora

deles não temos direito de ter um companheiro (a), sociedade que diz que não podemos nos amar como somos, nosso cabelo, nossa boca, nosso nariz, devemos pensar duas vezes antes de armar nosso crespão e sair, sem alguém criticar ou dizer que quero chamar atenção OUÇAM EU NÃO QUERO CAUSAR, ESSE É MEU CABELO, SÓ QUERO USÁ-LO DA MANEIRA QUE ACHO MELHOR.

Aprendemos desde cedo a negar nossas necessidades mais íntimas, para poder enfrentar a escola, a vizinhança, os espaços onde queremos, mas não podemos transitar livremente, também surge a necessidade de exercer todos os dias o que a autora chama de “amor interior” quando fala sobre a importância da afirmação:

A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão "amor interior" e não "amor próprio" porque a palavra "próprio" é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante (hook, p.9)

Estamos presenciando um momento de reflexão e mudanças apesar de pequenas mas notórias, portanto precisamos parar de nos inspecionar no espelho e começar a nos

www.redor2018.sinteseeventos.com.br



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

afirmar, pois o julgo da sociedade nos nossos ombros já é demasiada pesada.

O anti intelectualismo como forma de resistência na academia a importância do feminismo negro para a desconstrução de um auto olhar estereotipado e inferiorizado.

A resistência feminina é atemporal ancestral ela não vinha apenas como luta, ou atos que se dão na prática na merção de força a resistência se dava na forma de sede de aprender. Davis lembra que a resistência se dava de forma sutil na aquisição de livros e competências como leitura, escrita. A autora relata de uma escrava que se dirigia a escola da meia noite, e, ensinava os na calada da noite, graduando centenas e muitos desses escreveram seu passe para a liberdade.

Conta de “uma mulher jovem branca emergiu como um modelo dramático de coragem feminina e militância anti-racista. Prudence Crandall foi uma professora em Connecticut que desafiou a sua cidade branca aceitando uma rapariga negra na sua escola”. Ela fez uma aliança poderosa entre a estabelecida luta pela libertação dos negros e negras e a embrionária batalha pelo direito das mulheres”.

Mesmo depois de um quarto de século enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e o homem negro era inserido na sociedade, as mulheres negras continuavam em situação de subalternidade, delas eram os trabalhos mais sujos, mal pagos, nas prisões eram jogadas em selas com homens.

Sobre o pensamento do branco que se perpetua até hoje sobre educação, a autora cita: Como a criança escrava Frederick Douglass, muitos dos quatro milhões de pessoas que celebravam a emancipação tinham desde há muito entendido que “o conhecimento tornava desadequada a escravatura para as crianças”. E como o dono de Douglass, os agricultores donos de escravos perceberam que “se deres a um negro a mão ... ele tomará o braço. O conhecimento estragava o melhor nigger do mundo”.(Davis, p.76)

Nossos corpos sempre foram associados ao trabalho braçal por isso que nosso transito nos espaços do saber é sempre visto com desconfiança e como diz hooks nossa “intelectualidade é suspeita”, Davis conta de uma escrava agrícola chamada Jenny Proctor que relatou:

“Nenhuma de nós estava autorizada a ler um livro ou a tentar aprender. Eles diziam que ficávamos mais espertas que eles se aprendêssemos alguma



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

coisa, mas nós fugíamos e com o velho livro azul escondíamos-lo até tarde de noite e então com a luz de uma pequena tocha estudávamos-lo. Aprendemos. Agora posso ler e escrever alguma coisa.” (Davis, p.77)

O poder místico do racismo e sua ideologia de que ao povo negro era incapaz de avanços intelectuais cegou e ainda cega geração após geração, mulheres negras eram apedrejadas por estudarem nada diferente do que nos cita hooks nos dias atuais onde muitas de sofremos um apedrejamento social por escolhermos uma vida acadêmica em detrimento ao casamento, filho, e afazeres doméstico. O sexismo e o racismo atuando juntos contribuem para fortalecer o imaginário cultural coletivo de que a imagem da mulher que serve aos outros é negra, mulher que sempre foi vista como dotada de um apetite sexual desenfreado inerente a natureza só corpo sem mente.

Esses aspectos do racismo na vida de mulheres negras acadêmicas dificultam sem processo de sucesso na academia, muitas adotam o anti intelectualismo como forma de militar também dentro da academia, pois na maioria das vezes se sentem inapropriadas, incoerentes e acham que suas ideias não merecem ser ouvidas. A política do patriarcado torna a

situação do negro diferente da negra, pois além de lidar com a violência de cor, ainda temos que lidar com a violência de gênero.

Considerações finais

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos. (Amelinha Teles, “Breve historia do feminismo no Brasil”)

A proposta deste texto foi fazer um relato histórico da condição da mulher negra escravizada e o estigma marcados em seus corpos que se perpetuam até nossos dias e para entender da urgência de reparação histórica desse processo maldoso, a importância do acesso e trânsito produção e reprodução dessas mulheres nos espaços acadêmicos e de como o feminismo pode ajudar no empoderamento.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

A vida trabalhadora de mulheres negras foi atingida de várias formas pela escravidão e o legado dela podemos perceber quando Ângela Davis faz de forma dolorosa e espetacular a narrativa de como as mulheres negras e onde estava durante a escravidão e pós abolição. Se torna visível quando a Hooks em Ensinando a Transgredir, fala da tensão que era encarada a mulher negra e suas produções na academia e hoje ao garimparmos na nossa mente mulheres negras intelectuais, até mesmo por

tentarmos como mulheres negras entrar nessa vida acadêmica nos deparamos com o racismo e o sexismo.

Ser mulher, ser negra e acadêmica é um ato político, ousado de resistência, devemos entender esse processo de produzir de dentro para fora afim de ir contra o sistema hegemônico que insiste em nos rotular. Como afirma a escritora Djamila ribeiro “Não sou discriminada por que sou diferente, me torno diferente porque sou discriminada”.

Referências bibliográficas:

DAVIS, Ângela: **Mulheres, raça e classe**. S. Paulo: Bomtempo, 2016 [1981].

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Caderno de formação e Política do círculo palmarino.n.1.2011.

Hooks, Bell. **Ensinado a transgredir: a educação como pratica da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes,2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** S. Paulo: Companhia das letras, 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Editora Record, (1960).

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do feminismo do Brasil**. Brasiliense, 1993.